



Hidro-grafias: pensar-com ou desenhar-com os rios

Maria Luz Carvalho Borges¹
Fernando Antonio Oliveira Mello²
Gabriel Teixeira Ramos³

Resumo

Este trabalho se propõe a construir um vínculo entre a cartografia e as ideias defendidas pelo antropólogo britânico Tim Ingold para explorar maneiras de cartografar com os rios. O objetivo é tentar superar a aridez tradicional que registra os corpos d'água como meras linhas vazias de vida. Será feito um breve apanhado histórico da cartografia em sua dimensão geográfica, invocando os mapas como ferramenta para imaginar mundos. Com esse aporte conceitual, voltamos a Ingold para conjecturar a pesquisa cartográfica como uma forma de se juntar ao que o autor chama de “processo de formação”. Buscamos entender a constituição das paisagens, lugares e territórios como formações continuamente abertas. Logo, pesquisar e representar os corpos d'água pressupõe superar a separação objeto-sujeito, pesquisador-meio. Tendo como mecanismos de investigação as pesquisas bibliográfica e iconográfica, pretende-se defender que a compreensão dos rios e dos imaginários que se misturam às suas águas estão para além de desenhos que os representam vistos de cima e de fora. A intenção é debater como cartografar e mapear *com* os rios. Parte-se da compreensão que é com o corpo que se faz pesquisa, experimentando as fronteiras borradas entre o corpo pesquisante e os corpos d'água para o rio finalmente molhar o mapa.

Palavras chave: Rios, Cartografia, Mapas, Tim Ingold.

¹ Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Goiás/Campus Goiânia. Email: maria_luz@discente.ufg.br.

² Doutor/Professor Adjunto do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Goiás/Campus Goiânia. Email: fernando.mello@ufg.br.

³ Doutor/ Professor Adjunto do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Goiás/Campus Goiás. Email: ramosgabriel@ufg.br.

1 Mapas, mapeamentos e cartografias

Nessa primeira seção, apresentamos um breve apanhado sobre a figura dos mapas, a formação da cartografia enquanto ciência e as bases epistemológicas que os sustentam, bem como as autoridades que essas essas representações adquirem ao longo dos séculos. Além disso, trazemos outras abordagens que apontam para maneiras de subverter a linguagem cartográfica e utilizá-la como ferramentas de imaginação e construção de outros mundos. Finalmente, nos debruçamos sobre a maneira com que os corpos d'água são representados, questionando quais ideias e percepções sobre as águas doces estão presentes nesses mapas.

1.1 Cartografia em sua dimensão geográfica

A cartografia, em seu sentido semântico, encontra-se relacionada com o campo da geografia sendo considerada nos dicionários como “Arte de compor cartas geográficas.” (CARTOGRAFIA, 2023). Ainda sob a mesma perspectiva, o objeto mapa, por sua vez, é definido como uma representação parcial ou total, em escala, da superfície terrestre. Entretanto, a aceção de que ao mapa interessa representar a superfície terrestre não é perene na história da cartografia. Aos primeiros mapas medievais interessavam prescrever ações, como um memorando do percurso a ser realizado, como por exemplo, cidades por onde passar, onde parar e rezar, distâncias em horas ou dias. Para tal, utilizava-se de traçados retilíneos como linhas de peregrinações (CERTEAU, 1994, p. 205).

“Representar a superfície terrestre” passa a ser, gradativamente, uma preocupação dos mapas (e de quem os produz) conforme se deu o avanço das grandes navegações durante o renascimento, período concomitante ao nascimento do discurso científico moderno (séc.XV e XVII) (CERTEAU, 1994, p. 205). A intensificação do comércio entre ocidente e oriente bem como as expedições exploratórias demandava cartas geográficas e instrumentos de orientação cada vez mais sofisticados, como as bússolas. Numa operação de mão dupla, as expedições demandaram mapas e também os possibilitaram visto que a partir delas era possível ‘capturar’ e representar a crosta terrestre em detalhes. Assim, confirmaram-se os Portulanos, mapas para navegar estabelecidos desde o fim da idade média, já bastante corretos, porém, tendo em vez dos atuais paralelos e meridianos uma rede de rosas-dos ventos entrelaçadas (MARTINELLI, 2005, p. 2).

Não se trata de uma coincidência temporal já que Pierucci (2005, p. 148), ao discutir o conceito do ‘desencantamento do mundo’ para Max Weber, conclui que o desencantamento operado pela ciência abre o caminho para o desenvolvimento do capitalismo contemporâneo. Para esse autor, o mundo desencantado é resultado de um processo amplo e progressivo de substituição do pensamento mágico pela ciência e pelo ascetismo religioso. É nesse desencantamento que se gesta o ethos do mundo ocidental moderno que se espalha pelo mundo a partir da colonização. Dentre vários aspectos, Pierucci (2005, p. 141-142) destaca a redução do mundo natural a mero ‘mecanismo causal’ liberado dos sentidos metafísicos e a “desvaloriza o misterioso porque incalculável, em favor do conhecimento hipotético-matemático cientificamente configurado, para o qual ‘é possível, em princípio, tudo dominar mediante o cálculo’ [durch Berechnen beherrschen]” (PIERUCCI, 2005, p. 161).

No correr dos séculos, a cartografia se torna um campo científico cada vez mais formalizado, a invenção da imprensa permite a circulação de mapas cada vez mais precisos e o estabelecimento de academias científicas promove o desenvolvimento de novas tecnologias de representação, como os mapas temáticos que surgem no século XIX. Esses mapas estavam interessados em representar mais do que a materialidade do espaço geográfico, se esforçando para desenvolver uma linguagem capaz de comunicar dados mais abstratos como informações socioeconômicas e políticas.

Por meio dessa breve passagem pela história, percebe-se que os mapas por muito tempo foram pensados como neutros e alcançaram um status de autoridade como perfeita representação do território e fonte de informações objetivas (GOMES, 2004, p. 72). Somente no século XX, mais aproximadamente em meados da década de 70, o tema dos mapas como meio de comunicação e linguagem gráfica começa a crescer no já estabelecido campo da história da cartografia (GOMES, 2004, p. 69), e, vide o novo espírito crítico que circulava nas academias no mesmo período, um processo de renovação e alargamento dos horizontes teóricos do campo se estabelece nos anos 80 e 90, baseado num profundo questionamento sobre o estatuto de objetividade dos mapas (GOMES, 2004, p. 69). Brian Harley, um dos nome mais influentes dessa renovação, a partir de leituras como Barthes, Foucault e Derrida, propõe que se adote a mesma perspectiva analítica dos filósofos franceses para pensar os mapas: imagens carregadas de juízo de valor, com um modo de imaginar, articular e estruturar o mundo dos homens (GOMES,

2004, p. 70).

Os mapas e a própria cartografia, enfim questionados, têm seus conceitos ampliados, Buisseret (2003 apud GOMES, 2004, p. 76) afirma que ‘temos que nos convencer que um mapa não precisa nem ser gráfico nem representar a superfície da terra’. O mapa teria a função de fornecer uma informação de localização, sendo essencialmente uma imagem locativa. A partir disso, se abre a possibilidade de apropriação dos mesmos como ferramentas de luta contra o próprio sistema de dominação que os criaram. Nesse sentido, vêm as cartografias críticas e contra-cartografias que se interessam por mapear o mundo a contra-pelo e imaginar outros tantos mundos possíveis, buscando subverter a linguagem tradicional e adotar diferentes concepções de espaço, território e as relações que elas contém (SCHWEIZER E BARBOSA, 2022, p. 3). Por fim, aqueles que se propõe a utilizar da força da cartografia para conjurar um mundo onde caibam vários mundo, como nos dizeres zapatistas⁴, devem abraçar múltiplas formas de conhecimento, incluindo o afetivo, incorporado, oral, cognitivo e cultural (MOTTA, 2015, p.178 apud SCHWEIZER E BARBOSA, 2022, p. 3).

1.2 Rios e mapas

Adentrando ao tema central deste trabalho, tendo em mente as questões lançadas sobre linguagem cartográfica, nos aprofundamos aqui nas representações impostas aos corpos d’água doce nos mapas tradicionais. Cecilia Chen, em seu texto "Mapping Waters" (2013) aponta que, sendo a cartografia um instrumento empregado para sustentar a violência das relações coloniais, impôs um entendimento instrumental das águas, terras e pessoas (CHEN, 2013, p. 275, tradução nossa). As águas entendidas como recurso são pensadas a partir de sua serventia, em sua disponibilidade, útil para agricultura, indústria, comércio, geração de energia elétrica, para o bem estar das populações e cidades - uma substância que, de maneira equitativa ou não, está organizada para servir culturas humanas (CHEN, 2013, p. 276). Por outro lado, as águas inúteis - que não se encaixam nas expectativas antropocêntricas - são pensadas em sua imprevisibilidade e capacidade de provocar problemas, enchentes, infiltrações, doenças.

Como pontuado anteriormente, a cartografia, a partir de um conjunto de operações

⁴ Referência à frase “*No mundo que queremos, todos nós cabemos. No mundo que queremos cabem muitos mundos*” retirada da Quarta Declaração da Selva Lacandona (1996), do Exército Zapatista de Libertação Nacional.

e escolhas gráficas, acionam códigos de representação organizados como uma verdadeira linguagem (GOMES, 2004, p.72). No mesmo sentido, a Chen (2013, p. 280, tradução nossa) propõe que:

Como uma prática que expressa localização e relações - e apesar de ser apenas uma entre várias práticas através das quais nós alegamos conhecer a água - mapeamentos são um *aparato de saber* comumente utilizados e amplamente entendidos. Como já dito antes, práticas de mapeamento são assim implicadas na determinação daquilo ‘importa’. Como decidimos mapear é, portanto, uma ação crítica.

Pensar a cartografia como um ‘aparato de conhecimento’ relembra a função dessas representações como uma maneira de decifrar a Terra em prol de torná-la controlável. A forma com que os meios aquosos são representados (ou não são representados) cartograficamente parte da percepção instrumentalizada da água constituída ao longo dos séculos de colonização. Nessas cartografias áridas, são retratados como um elemento cognoscível, isolado em seus próprios contornos - rios, lagos, oceanos - visualizados com elementos gráficos como pontos estáticos, linhas e superfícies demarcadas (SCHWEIZER, RIBAS, 2023, p. 1, tradução nossa).

As cartografias áridas esbarram em um paradigma que desafia suas preconcepções terrestres: todos os corpos aquosos carregam consigo uma certa inconscibilidade, a natureza cambiante, transformativa e transformadora das águas é um assunto comentado desde antiguidade clássica.⁵ A água circula e muda de forma, com isso altera tudo ao seu redor. Isso porque os lugares são sempre permeáveis e permeados com água - moldados por sua qualidade, escassez ou abundância. (CHEN, 2013, p. 275, tradução nossa). A água vaza os contornos impostos pelos mapas. Escapa às normativas de representação e pelas porosidades e circulações se articula e entrelaça a nossos corpos (NEIMANIS, 2012, p. 96, tradução nossa). Assim, a nós cabe pensar em outras cartografias, não só seguindo o fluxo das águas mas fluindo junto com elas.

2 Se mover, conhecer e descrever

Nesse segundo momento, pretendemos situar algumas proposições teóricas do antropólogo britânico Tim Ingold pertinentes à discussão sobre a relação entre a

⁵ Referência a clássica frase de Heraclito de Efeso “*Ninguém entra em um mesmo rio uma segunda vez, pois quando isso acontece já não se é o mesmo, assim como as águas que já são outras.*”

percepção do mundo, movimento, habilidade, experiência, conhecimento e descrição. Atualmente professor de antropologia social da Universidade de Aberdeen, Ingold explora temas e conceitos que perpassam não só o campo das ciências sociais, mas também da biologia, ecologia, arte, design e arquitetura. Trata-se de um autor interessado em descortinar as partições ontológicas de nossa tradição intelectual, dissecando seus pressupostos dualistas e seus imperativos objetivistas (CARDOSO, 2016), como a divisão entre natureza e cultura, sujeito e objeto, mente e mundo, e até mesmo a divisão entre os sentidos da percepção humana. Além de questionar esses dualismos, Ingold se propõe a pensar alternativas a eles: um outro engajamento com o mundo, outro fazer antropológico e científico, dessa vez ‘imerso nos fluxos da vida’.

2.1 Emaranhamentos e as linhas de vida

Dentre a vasta produção de Ingold, a atenção será dedicada às noções de vida e emaranhamento que são construídos no livro *Estar vivo* (2015), elaborado a partir da obra *The Perception of the Environment*. Pensando em animacidade, ao invés de animismo, a vida não é resultado de infusão de espírito na matéria ou de agência na matéria (INGOLD, 2015, p. 151-152), mas sim um “potencial dinâmico, transformador de todo o campo de relações dentro do qual seres de todos os tipos, contínua e reciprocamente trazem uns aos outros à existência” (INGOLD, 2015, p. 151). Ingold nos convida a “desmobilizar” o mundo, isto é, pensar não em um sistema de objetos mas sim de coisas. Partindo de Heidegger, o autor define que um objeto é um “fato consumado” enquanto uma coisa é um “acontecer” (INGOLD, 2012, p. 29). Os objetos são fechados e se apresentam à nossa percepção a partir de suas superfícies externas, as coisas estão abertas e fazemos parte da sua contínua formação, participamos na “coisificação da coisa em um mundo que mundifica” (INGOLD, 2012, p. 29).

A prática de tomar as coisas por objetos é nomeada por Ingold como “lógica da inversão”. Uma operação em que seres originalmente abertos ao mundo se tornam fechados em si, selados por um limite perimetral o que o separa do meio. Contra essa operação, o autor propõe que: essa linha imaginariamente isola o organismo do meio, na realidade, é a linha através da qual esse mesmo organismo vive. A vida não pode ser algo contido dentro de limites, pois ela é a circulação, o próprio movimento, as coisas estão vivas porque elas vazam (INGOLD, 2012, p. 32) Mais adiante no seu trabalho, Ingold

aponta que nenhum organismo é apenas uma linha uma vez que a vida se estende por várias trilhas diferentes. Tem a ver com uma irradiação de linhas. Dessa maneira, a ideia de “ambiente” como meio inerte ao redor dos objetos fechados como temos usado não se aplica mais, sendo melhor vislumbrado como um domínio de emaranhamentos (INGOLD, 2015,p.157). Aqui, um organismo se relaciona, participa, e lentamente se torna outro. Não há mais dentro nem fora, ou então, sempre é dentro pois estamos sempre imersos nas circulações vitais.

2.2 Com o corpo se faz pesquisa [ou a pesquisa imersa na vida]

Nesse sentido, habitar o mundo é se juntar às circulações e vazamentos, ao contínuo processo de formação. Ao reconhecer essa condição central, Ingold sugere que se mover, conhecer e descrever não são operações separadas, sucedidas em série, mas facetas paralelas do mesmo processo - aquele da vida mesma (INGOLD, 2015, p. 13). A separação entre o sujeito que observa e descreve é dissolvida, um está imbricado no outro. De maneira similar, Karen Barad (2007, p. 185 apud CHEN, 2013, p. 279, tradução nossa) coloca que as práticas do saber e ser não são isoláveis. São mutuamente implicadas. Nós não obtemos conhecimento ficando fora do mundo, nós conhecemos porque somos próprios do mundo.

Desse modo, é possível pensar no corpo como o primeiro aparato de saber. Apesar da suposta ascendência do homem para fora da natureza ter liberado os poderes do intelecto de seus embasamentos corporais no meio material (INGOLD, 2015, p. 72), é partir do corpo em movimento, imbricado num determinado tempo e espaço, imerso em experiências que só acontecerão a partir da relação entre o corpo e o território experienciado (RIBEIRO, p. 68) que se torna possível conhecer o mundo. É movendo-nos que conhecemos, e é movendo-nos também que descrevemos (INGOLD, 2015, p. 13).

Ingold ainda argumenta que a descrição não é como um processo de composição verbal - como dizemos, “passar por escrito” - mas sim um fazer-linha (INGOLD, 2015, p. 320). Com essa definição, aproxima-se de um tecer ou desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente (BARROS, KASTRUP, 2020, p. 59)

3 O rio finalmente molha o mapa

*If the waters of the world flow through us, wouldn't then the only imaginably
(im)possible way to map the world be to flow with them?⁶*

(SCHWEIZER, RIBAS, 2022,s.p.)

Toda água existente hoje no planeta é a mesma há milhares de anos. Muda de forma e local, mas é sempre a mesma quantidade de moléculas circulando desde o início dos tempos. A água que bebo hoje e transpiro se torna nuvem, depois chuva, penetra na terra e escorre até o lençol freático, aflora em uma nascente e alimenta um rio. Todos os corpos são corpos d'água, variando em quantidade, alguns mais áridos outros viscosos. Estar vivo é se inserir nessa circulação de águas. A água entrelaça nossos corpos (NEIMANIS, 2012, p. 96, tradução nossa).

Sendo esse um excerto de um trabalho de conclusão de curso em andamento, o que apresentamos aqui é parte da investigação conduzida até o momento, sem pretensões de dar respostas fechadas às questões levantadas. O ponto de partida foi o interesse em buscar formas de fluir com essas circularidades aquáticas para, então, elaborar possibilidades de cartografar *com* os rios, subvertendo as representações áridas que isolam as águas em contornos estreitos, em linhas. Ao longo das leituras, uma pista emergiu:

caminhando na margem de um rio, nós talvez percebemos uma delicada zona de diferença entre a água que corre no leito e o solo que pisamos. Entretanto, nosso pé, puxado para baixo devido ao peso do nosso corpo d'água, líquida a zona de distinção [...] Estamos mapeando enquanto caminhamos. (SCHWEIZER, RIBAS, 2022, s.p, tradução nossa)

Resgatar o corpo como instrumento de saber primário aponta para uma outra abertura ao mundo. Pensar a corporificação como úmida (*watery*) desmonta o entendimento do corpo que herdamos da tradição metafísica ocidental (NEIMANIS, 2012, p.96, tradução nossa), forçando a reconhecer que a porosidade de todos os corpo d'água os impede de ser pensados como organismos isolados - ou selados em si, nos termos de Ingold. Molhar o mapa, dissolver as cartografias áridas, inseri-lo nas

⁶ Se as águas do mundo fluem através de nós, não seria fluir com elas a única maneira imaginável, o único jeito possível, de mapear o mundo?"em tradução livre.

circulações é trazê-lo de volta à vida.

Assim, acreditamos na potência do corpo em movimento como metodologia de contato com os territórios d'água, na emergência de um conhecimento que se dá no e a partir do corpo - através de processos de inter-retroações entre os corpos humanos e não humanos e o território experienciado (RIBEIRO, 2023, p. 69). Na esteira da *pesquisa como performance*, Walmeri Ribeiro (2021), propõe mapeamentos performativos através imersões nos territórios pesquisados a partir de um corpo poroso:

[...] um corpo poroso não é um corpo cotidiano, mas, tampouco é apenas um corpo em deslocamento, em movimento. Um corpo poroso é uma forma de ser e estar no mundo, de se conectar, de se misturar, criando zonas de contaminação e contágio, sem bordas, sem fronteiras, sem hierarquias entre espécies. Um corpo que busca por um outrar-se, um construir-se, construindo, em conexão. Um corpo poroso é um corpo disponível, permeável, em estado de atenção plena. Um corpo capaz de sentir, escutar e incorporar (tornar corpo) micro-movimentos, microsonoridades, tatilidades e temporalidades, bem como, os macromovimentos e a amplitude do todo no qual está inserido. O corpo poroso é, portanto, um estado de existir e agir no mundo. Um estado de ser numa poética do Outrar-se e de construir Mundos-Outros, Outrando-se. (RIBEIRO, 2021, p. 57)

Assumindo uma corporificação aquosa e permeável, a pesquisa tem se desenvolvido a partir de experiências de campo em três confluências de importantes corpos d'água na cidade de Goiânia (Goiás, Brasil): Cascavel-Anicuns, Capim Puba-Botafogo e Anicuns-Botafogo. É possível pensar nessas confluências, que aqui chamamos de *nós*, como pontos de aproximação da complexidade própria da malha hidrográfica, dado que no encontro dos fluxos, se encontram presentes histórias, sedimentos, memórias, vestígios, reminiscências e pistas dos caminhos percorridos na peregrinação das águas. Pretende-se empreender uma busca sensorial do que é possível ouvir, ver e sentir presencialmente nos lugares selecionados.



Figura 1: Caminhando na água. Visita à confluência Cascavel - Anicuns.

Fonte: Acervo pessoal (2023)

Figura 2: Aspecto do encontro das águas. Visita à confluência Cascavel - Anicuns.

Fonte: Acervo pessoal (2023)

Para grafar novos mapas, procuramos desenhar *com* o fluxo das águas, *hidro-grafar*, admitindo a inserção do nosso próprio corpo nessa circularidade. Quando pensamos esse grafar, portanto, retomamos a proposta de Ingold de reconhecer a descrição como um fazer-linha (2015), ao invés de um afastamento da experiência para produção dos ‘relatos do observado’, estamos mapeando enquanto caminhamos e onde “eu me torno rio e o rio se torna eu”, estamos pensando juntos, desenhando juntos.



Figura 03: Aspecto do encontro das águas. Visita à confluência Capim Puba - Botafogo Fonte: Acervo pessoal (2023)

Figura 04: Caminhada pela margem. Visita à confluência Capim Puba - Botafogo Fonte: Acervo pessoal (2023)

Todas as visitas começam em terra firme, caminhando pelas ruas, avenidas e vielas da cidade impermeabilizada até encontrar trilhas que levam ao encontro das águas. Identificar essas entradas não foi uma tarefa fácil, os mapas de satélites e mapas oficiais não dão conta complexidade e oscilação da vida, as pistas que apontam para os trajetos possíveis muitas vezes falham: por vezes a topografia é acidentada demais, em outras o capim-navalha tomou conta dos caminhos ou existe uma cerca de arame farpado impedindo a entrada. Apesar do planejamento prévio, o que possibilitou as visitas foi a abertura dada pelo encontro com os moradores ribeirinhos, que nos acompanham, contam histórias, abrem os caminhos e apontam trilhas.

Onde se espera uma fronteira entre a cidade e a natureza, o que existe na realidade é uma miscelânea. O rio começa muito antes do leito, a umidade transpira pelos poros do concreto das casas e calçadas, seu cheiro pesa no ar. Na contramão, a cidade se estende até o fundo das águas, se misturando aos sedimentos, presente em forma de ruínas, resíduos, lixo e entulho. Os lugares se atravessam: de dentro da cidade, vemos os lampejos de um rio que aparece entre um vazio e outro, na ausência de edificações. Já dentro rio, no lugar do rio, é a cidade que se torna pequenos requadros entre o capim, arbustos, árvores,

plantações domésticos, lixos e entulhos.

Em cada confluência, as águas são as mesmas mas já são outras. Na poética da mistura, circulam bichos, plantas, histórias de outras vidas. Apesar de apresentarem condições bastante distintas, seja de paisagem, conformação geológica ou deterioração, das visitas emergem questões que atravessam transversalmente a todas as confluências. A presença inesperada de vidas mais-que-humanas diversas, que se adaptam às condições impostas e por vezes se aproveitam dela, como no caso de espécies de plantas e peixes invasores. A complexidade das relações bicho-gente-planta-rio, se implicando e transformando mutuamente, mas sempre em uma disputa de forças. Os sons que vão se tornando mais audíveis conforme nos aproximamos, mas nem sempre com um rugido, por vezes numa melodia mansa do rio que corre na areia ou bolhas discretas das águas que nascem. Por fim, a necessidade de se pensar em *territórios d'água*, estourando a percepção do rio contido nas margens, a circulação da água dá forma aos lugares e seus habitantes e, como se dá de praxe em todo território, estão em disputa.

Referências

BARROS, L. P. de; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos *In: PASSOS, E; KASTRUP, V & ESCÓSSIA, L; (orgs.) Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. 5o Edição. Porto Alegre: Editora Sulina Editora Meridional, 2020.

CARDOSO, T. M. Por uma antropologia imersa na vida. **Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais**, n. 16, p. 241–250, dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/issue/view/584/150>. Acesso em: 16/10/2023

CARTOGRAFIA. *In: Dicionário Michaelis Online*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 2023.

CERTEAU, M. **A Invenção Do Cotidiano**. [S. l.]: Editora Vozes, 1994.

CHEN, C. Mapping Waters, p.274-298 *in* CHEN, C.; MACLEOD, J.; NEIMANIS, A. (org) **Thinking with Water**. Londres: McGill-Queen's University Press, 2013.

GOMES, M. D. C. A. Velhos mapas, novas leituras: revisitando a história da cartografia. **GEOUSP: Espaço e Tempo (Online)**, n. 16, p. 67, 30 abr. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2004.73955>. Acesso em: 19/10/2023

INGOLD, T. **Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo**

de materiais. Horizontes Antropológicos, v. 18, n. 37, p. 25–44, jun. 2012.

INGOLD, T.; CREDER, F. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MARTINELLI, M. **Os mapas da geografia.** In: XXI Congresso Brasileiro de Cartografia. 2005

NEIMANIS, A. Hydrofeminism: Or, On Becoming a Body of Water *in Undutiful Daughters: Mobilizing Future Concepts, Bodies and Subjectivities in Feminist Thought and Practice.* New York: Palgrave Macmillan, 2012.

PIERUCCI, A. F. de O. **O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber.** São Paulo: Editora 34, 2005.

RIBEIRO, W. Poéticas do Outrar-se: A potência de corpos porosos na criação de mundos possíveis *In:* Guto Nóbrega; Malu Fragoso. (Org.). **Hiperorgânicos: Consciência e Natureza.** Rio de Janeiro: Circuito, 2021, v. 3, p. 55-72.

RIBEIRO, W. Territórios sensíveis: ecologias e Corpos emergentes em práticas artísticas situadas. **Revista Visuais**, v. 9, n. 1, p. 64–75, 27 jul. 2023. <https://doi.org/10.20396/visuais.v9i1.18304>. Acesso em: 13/11/2023

SCHWEIZER, P.; RIBAS, C. T. Hydrocartography: Mapping with Waters. **C Magazine**, v. Maps, n. Issue 150, 2022. Disponível em: <https://cmagazine.com/articles/hydrocartography-mapping-with-waters>. Acesso em: 11/07/2023

SCHWEIZER, P.; BARBOSA, O. Descolonizando linguagens cartográficas – a construção de uma cartografia engajada. **EccoS – Revista Científica**, n. 61, p. 1–18, 28 jun. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/eccos.n61.21857>. Acesso em: 11/07/2023